



QUERIDA, DE LYGIA BOJUNGA: O NARRADOR E AS IMAGENS ESTILHAÇADAS

QUERIDA, BY LYGIA BOJUNGA: THE NARRATOR AND THE BROKEN IMAGES

Ediliane Gonçalves¹

Recebimento do texto: 07/09/2016

Data de aceite: 25/10/2016

RESUMO: O texto que aqui apresentamos é uma leitura da obra *Querida* (2012), de Lygia Bojunga, que busca mostrar o constructo estabelecido pela autora, por meio do narrador. A partir do estabelecimento de um objeto ou pensamentos, constituídos pela combinação de impressões passadas e presentes e oferecidas na forma narrativa, o intrincado enredo, cheio de encaixes com outras histórias, fala de Pollux, que, aos trinta, rememora uma aventura vivida aos dez anos. Contudo, o narrador é diverso: primeira pessoa, terceira pessoa e personagem-narrador vão ganhando voz e espaço sempre que são convocados a participar da obra, principalmente, pela riqueza do dialogismo presente nela. Para alicerçar nossas reflexões, trabalhamos com textos de teóricos como Adorno (2003), Silviano Santiago (1989), Benjamin (1994), Schøllhammer (2009), entre outros, bem como as considerações de alguns críticos sobre a obra de Bojunga, entre elas Sandroni (2011), Papes (2008) e Aires (2010).

PALAVRAS-CHAVE: Narrador; Lygia Bojunga; Dialogismo; Construção estética.

ABSTRACT: The text we presented is a reading of the literary composition of Lygia Bojunga *Querida* (2012), we want to show the narrative construction of the work to writer through the narrator. Before the install an object or thoughts, constituted by combination of the impression passed and presents and given in the narrative form, the intricate plot full engagements with other stories tells of the Pollux is thirty, recalls an adventure lived he is ten years. However, the narrator is diverse: first person, third person and character-narrator who are gaining voice and space whenever they are called take part in the story, especially by the richness of dialogism present in the work. To assert our reflections, we work with texts of theorists as Adorno (2003), Silviano Santiago 1989), Schøllhammer (2009), among others. Well as the considerations some literary criticism about Bojunga literature among them Sandroni (2011), Papes (2008) and Aires (2010).

KEYWORDS: Narrator; Lygia Bojunga; Dialogism; Aesthetic construction.

¹ Doutoranda em Estudos Literários. UNEMAT - Campus de Tangará da Serra. dilly200527@gmail.com, sob a orientação do Prof. Dr. Aroldo José Abreu Pinto.





Neste esforço de reflexão, procuramos ponderar sobre como se apresenta a voz narrativa em **Querida** (2012), de Lygia Bojunga, pois observamos que, com a narração em terceira pessoa ou das personagens narradoras, com voz em primeira pessoa, o enredo se constrói. Pollux, protagonista da obra, inicia, por meio de um monólogo, a história rememorada por ele de tal forma que submergimos no fluxo de consciência para fazer a trajetória de vinte anos de sua vida como se fosse o agora. Assinalar a presença do narrador nessa obra vem evidenciar a desenvoltura da escrita bojunguiana ao criar a trama e demonstra que o narrador não ambiciona passar ensinamentos; ao contrário, mostra-se um indivíduo desencantado e desencontrado com o mundo em que vive. É como se não houvesse lugar, na contemporaneidade, para sua completez.

Os textos de Bojunga “são essencialmente literários, originalmente metafóricos e questionadores, e realizam-se enquanto linguagem, promovendo a empatia com o leitor. A distância autor/leitor é por ela anulada porque seu caminho é o da introspecção [...]”. (SANDRONI, 2011, p. 175). Nesse caminho que se volta ao interior do homem, a narração se adensa e traz a voz narrativa cada vez mais próxima de quem lê. O narrador, por vezes, se metamorfoseia em personagem, outras vezes apresenta-se como uma voz distante ou até mesmo afigura-se como suposto autor, o que particulariza sua produção e nos faz imediatamente pensar na distinção de sua obra para um público em formação. Porém não nos interessa, aqui, discutir o adjetivo para essa escrita – se dirigida ao público infantil, juvenil ou adulto -, pois entendemos, conforme fala da autora em entrevista, que ela queria antes de





tudo “fazer literatura”², notabilizando seu total descompromisso em se dirigir a esse ou aquele público leitor.

Feitas essas ressalvas, mencionamos Schøllhammer (2009) que considera que a literatura contemporânea (e é assim que temos entendido a literatura bojunguiana) trabalha com a presentificação, que é a ação de tornar presente o que se fala através da imagem, ou ainda, fazer com que o tempo vivido seja sentido como presente, como podemos facilmente perceber em Lygia Bojunga: “foi ainda há pouco. Antes de dormir, gosto de folhear o jornal. O que me chamou a atenção foi a beleza da mulher. Só depois lendo o texto, é que meu coração disparou: era ela, era ela, ah!... era, sim”. (BOJUNGA, 2012, p. 09). A imagem presentificada pela memória traz os acontecimentos de vinte anos atrás sem esmaecer suas cores, trata-se de Pollux narrando em primeira pessoa o monólogo que compõe a primeira parte do livro.

Querida (2012) é uma narrativa rica em discurso direto. Mesmo no fluxo de consciência, quando a personagem visita o passado, o enredo aparece através da fala dos sujeitos ficcionais envolvidos. É uma obra onde várias histórias se encaixam e se revelam aos poucos. De acordo com Reis & Lopes (1988), “Fala-se de encaixe quando uma ou várias *sequências* surgem engastadas no interior de outra que as engloba. [Provoca] efeito de

² Afirmação retirada da entrevista concedida à Laura Sandroni que compõe a obra **De Lobato a Bojunga: renações renovadas** (2011). Bojunga ainda acrescenta: “E parece que minha literatura saiu com cara que não desagrada a criança. Pra falar a verdade eu não acho isso estranho”. (p. 177).





retardamento do desenlace, justaposição temática, [...] explicação causal”. (p. 156. Grifo dos autores).

A narração é desencadeada por um narrador adulto que, ao folhear o jornal antes de dormir, se detém no obituário, atraído pela beleza da mulher mostrada na foto. De maneira fragmentária na narração e na trama o sujeito se constrói no todo da narrativa, uma vez que a posição do narrador contemporâneo se faz no paradoxo, pois ele não pode mais narrar, no entanto, a escrita exige que a narração aconteça sem perder de vista o mover interno e externo.

A literatura que hoje trata dos problemas sociais não exclui a dimensão pessoal íntima, privilegiando apenas a realidade exterior; o escritor que opta por ressaltar a experiência subjetiva não ignora a turbulência do contexto social e histórico. (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 15).

Assim, entendemos que o que acontece em *Bojunga*, no conjunto de suas obras (**Querida**, especialmente), é que há um fato externo que age como elemento mágico provocando o mergulho da personagem em si mesma e trazendo à tona seus conflitos e inseguranças que falam ao homem de maneira universal.

A obra **Querida** é dividida em seis partes: “O prólogo”, que apresenta Pollux adulto lendo no obituário a morte de Ella, momento em que conhece verdadeiramente seu rosto. “O primeiro encontro”, que compõe o corpo do livro, com toda longa história de Pacífico e o encontro entre ele e Pollux. Em seguida vem “O intervalo”, que sintetiza vinte anos da vida de Pollux fora do Brasil, sua carreira de escritor e seus desencontros. “O sonho”, onde depois





de ler o jornal, Pollux dorme e sonha com o Bis e a Bisa, que ele conhecera aos dez anos, símbolos da miséria e da desigualdade social no país. “O segundo encontro”, onde se dá o retorno de Pollux para o Retiro e o leitor fica sabendo do romance entre Pacífico e Ella bem como as aventuras amorosas de Pollux. E, finalmente, em “Pra você que me lê”, seção inaugurada com as publicações da Casa Lygia Bojunga, ficamos sabendo que Pollux recebeu uma correspondência com o testamento de Pacífico deixando-lhe de herança o Retiro de “porteira” fechada.

A própria construção da obra nos confirma que “a ação pós-moderna³ é jovem, inexperiente, exclusiva e privada da palavra” (SANTIAGO, 1989, p. 53). Por isso o precipitar das ações quebra a narrativa e traz a efervescência da personagem através do monólogo interior. O silêncio das personagens, o enigma conflituoso do qual participam, aflora na narrativa por um ser que deseja contar a si mesmo dentro de um quadro representativo personificado por máscaras, como é o caso de Ella, que era atriz, ou tornando-se escritor, como Pollux.

Segundo a mitologia, Pollux era um imortal, filho de Júpiter e Leda, irmão gêmeo de Castor (que era mortal). Castor também aparece em **Querida**. É o cachorro, companheiro e cúmplice de Pollux em sua fuga. “Morreu tudo, meu pai, minha mãe, até o Castor morreu. – Teu irmão? – Não meu cachorro!” (BOJUNGA, 2012, p. 30). O Castor da mitologia doméstica animais, enquanto Pollux é um grande lutador. Depois de uma batalha, para

³ Pós-moderna adquire aqui para nossas reflexões o mesmo sentido de contemporaneidade que temos mencionado no texto.





que não houvesse morte, os dois irmãos tornam-se estrelas (a Constelação de Gêmeos) e não mais se separam. Análogo a isso, o Olimpo onde Pollux perpetua sua história são os livros de viagem escritos por ele. Suas aventuras e conquistas são batalhas vencidas a cada travessia que a vida lhe impõe.

A narrativa ficcional de Lygia Bojunga nos intriga pelo mover interior que irrompe em cada personagem, provocando mudanças. A literatura contemporânea faz “uso de técnicas de cinema – *flash*, mudança de foco, cortes, contrastes, elipses no tempo e ritmo acelerado -, que arrastam o narrador em movimentos continuamente estilhaçados”, (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 31). Nesses estilhaços de vida que se desprendem da narrativa, encontramos Pacífico, o interlocutor de Pollux, preso dentro de si, mostrando apenas *flashes* de sua personalidade, como Pollux revela: “Com tua mãe, sim, você conversava, e muito. Com ela e com as flores que ela plantava no quintal. [...] a tua mãe adorava flor e que era você que cuidava delas”. (BOJUNGA, 2012, p. 21). O silêncio de Pacífico, a conversa diminuta, traz *flashes* de seu eu marcados pela elipse temporal que se somam à rapidez narrativa, buscando arrebatá-lo e o tornando-o cúmplice da história que une tio e sobrinho.

O mover interior mencionado é o monólogo interior que permite o voltar a si mesmo e rememorar o tempo vivido, ainda mais:

É um discurso sem ouvinte, cuja enunciação acompanha as ideias e as imagens que desenrolam no fluxo de consciência das personagens. Do ponto de vista formal, o monólogo interior apresenta uma estrutura elíptica, sincopada, por vezes caótica: a expressão espontânea de





conteúdos psíquicos no seu estado embrionário não se compadece com uma articulação lógica, racional. (REIS & LOPES, 1988, p. 267).

A morte do pai de Pollux e o posterior novo casamento da mãe desencadeiam nele o conflito que o levava a fugir e buscar abrigo junto a alguém que viveu um drama semelhante. Drama que o leitor conhece no desenrolar da consciência da personagem que se destitui de racionalidade para desnudar o homem e suas tensões. Para Schøllhammer (2009, p. 106), “há claramente, na literatura e na própria crítica contemporânea, uma acentuada tendência em revalorizar a experiência pessoal como filtro de compreensão do real”. Um real que se propõe a ser entendido pela refração das histórias, pois a identidade desintegrada, a inexperiência, a juventude se expõem nessa construção narrativa que não mais prescinde de um narrador. Essa premissa diz muito da escrita bojunguiana que se faz de maneira transgressora, rejeitando modelo ou predeterminação da tradição.

A convivência humana é assim apresentada por Adorno: “o homem teve como verdadeiro objeto o conflito entre os homens vivos e as relações petrificadas” (2003, p. 58), ou seja, quanto mais os homens se separam uns dos outros mergulhados na alienação, mais enigmáticos se encontram. Isso diminui distância estética na narração contemporânea entre narrador e leitor, pois diferente da fixidez tradicional, o leitor é levado a compartilhar diferentes ângulos da trama, como uma câmera que varia sua posição.

Quando Pollux foi para a Austrália, logo depois de fazer dez anos, não imaginou, nem por um momento, que ia





passar vinte anos sem voltar ao Brasil. (BOJUNGA, 2012, p. 175).

- Quer dizer que... você não tinha me esquecido? – Imagina... – E você me desculpa? ter vindo te procurar de novo? (BOJUNGA, 2012, p. 192).

Da mesma maneira que o retiro me ajudou a encontrar a paz e a felicidade, espero que também te ajude a escrever os livros que você ambiciona criar. Boa sorte! Pacífico. (BOJUNGA, 2012, p. 234. Grifo da autora).

Encontramos, em **Querida**, capítulos inteiros narrados em terceira pessoa (distante da personagem); outros em que o discurso direto ou a narração em primeira pessoa predominam; e, ainda, representação teatral⁴, poesia, carta e bilhete para que o leitor experimente o conflito entre os homens e suas relações em diferentes perspectivas. Acrescenta-se a isso a riqueza da linguagem: letras maiúsculas, minúsculas, pontuação, extensão da vogal e tantos outros recursos que vivificam o discurso literário e parecem querer tocar sinestesticamente o leitor. Essas marcas tidas como parte das representações na contemporaneidade, mostram a versatilidade do narrador e, parecem ocorrer com mais frequência na literatura aos jovens, embora o endereçamento não seja o foco de nossa discussão, conforme já dito antes.

Gregorin Filho afirma que:

⁴Ella era atriz, foi transformada e transfigurada por um acidente. Passou a confeccionar máscaras para usá-las em suas apresentações que fazia no retiro, longe do grande público. Só a natureza e Pacífico como testemunhas, no entanto, Pollux, Bis e Bisa também foram plateia na noite em que Pollux fez 10 anos. Ella anuncia: “Estamos aqui reunidos pra contar e ouvir histórias. E quem vai começar é aquele menino ali”. (BOJUNGA, 2012, p. 115). Por algumas páginas a história é construída e representada ao mesmo tempo.





Há nas obras contemporâneas da literatura juvenil, a instauração de várias vozes que entram em conflito e que se originam de diferentes lugares sociais, vozes que levam a juventude a questionar a estrutura social, seus preconceitos e todas as lutas nela existentes. (2011, p. 41).

Na narrativa de Lygia Bojunga, para contar a fuga de Pollux, a voz que narra é mudada. Um narrador em terceira pessoa se apresenta e toma a narrativa por poucas páginas para desembocar no discurso direto - precipitado e cheio de vazios dentro do fluxo de consciência - e acompanhar a narrativa de longe até o desfecho do primeiro encontro que termina com uma promessa.

- Quero que me prometa que não vai mais me procurar, não vai mais voltar aqui e não vai ensinar nem encorajar ninguém a vir aqui. [...] – Mas... por que, Pacífico? [...] - Promete, Pollux? O Pollux assumiu um ar triste e solene: - Está prometido. Um abraço apertado selou a promessa e a despedida dos dois. (BOJUNGA, 2012, p. 173-174).

Dessa forma, constatamos que a produção de Bojunga é como que a reelaboração e a redescoberta das coisas que se fazem pela ruptura provocada pelo inconformismo aos padrões impostos. Ao mover as tramas da narrativa, não é o conteúdo do enredo utilizado pelo escritor que determina sua abrangência, “mas a maneira como ele arranja em estruturas de perspectivas linear ou vertical [...] que leva o leitor a recriação e ao prosseguimento”. (RESENDE, 1988, p. 19). Entendemos, portanto, que Bojunga tem uma forma toda especial de manejar a linguagem, com transparência e profundidade para colocá-la em evidência ao leitor que prossegue o “contar” dentro de sua própria história. Em outras palavras, a mobilidade dos





narradores em **Querida** nos transporta para a infância, adolescência/juventude e idade adulta sem estranhamento, rememorando o passado como se fosse o presente.

Na literatura são muitos os exemplos da infância rememorada. Clarice Lispector ao apresentar Joana (**Perto do coração selvagem** - 1998), mostra na epiderme textual a aspereza vivida por uma órfã, que é expressa na dureza da linguagem de uma criança exposta à realidade com marcas que a seguiram em sua vida adulta. Resende adverte, “Se a infância é evocada no processo de escritura de alguns escritores, resta saber se serão suficientemente habilidosos, para não deixar a sua seriedade adulta prejudicar a ludicidade da criança que eles querem recuperar na escrita”. (1988, p. 19). É o que está posto em *Bojunga* com uma personagem que apresenta linguagem e perspectiva diferenciadas para fazer viver cada instância temporal da narrativa com habilidade e ludicidade em sua escrita.

A título de ilustração, podemos citar também James Joyce, com seu Stephen Dedalus (**Retrato do artista quando jovem** – 1971), em que temos incursão a uma infância sinestésica, rica em onomatopeias. A narrativa conduz o leitor à infância. O som, o cheiro e a sensação vão envolvendo o leitor que cresce junto com a personagem. O mesmo ocorre na obra **Fazendo Ana Paz** (BOJUNGA, 2007). O maravilhoso entrelaçamento da personagem Ana aos oito, aos dezoito e aos oitenta anos lançam fios narrativos que se cruzam para nos transportar a uma história seguindo os traços conflituosos do devir humano, num diálogo em que passado e presente se encontram na riqueza da linguagem.





Voltando a **Querida**, Bojunga traça com maestria o caminho vivido por Pollux, um adulto que faz incursões à infância. Dentro uma família esfacelada, o ciúme aproxima tio e sobrinho que eram estranhos até então: “- Eu queria falar com o Pacífico. – Sou eu. [...] - Eu sou o Pollux. [...] - Que Pollux? – O Pollux, ué? – Mas que Pollux?” (BOJUNGA, 2012, p. 14). As duas personagens se descobrem como seres que não sabem conciliar o amor que sentem. Buscam a fuga e o isolamento como alternativa para seu desencontro. A presentificação da infância é vista também na obra **O abraço** (BOJUNGA, 2014), onde a protagonista, Cristina, aos dezenove anos, relembra a violência sofrida aos oito. A lembrança daquele dia tornou-se a metáfora do abraço. “Eu estava mergulhada nágua, [...] quando eu senti alguém segurando firme o meu braço. Desmergulhei. [...] eu tive a impressão de que ele era um homem feito de água”. (BOJUNGA, 2014, p. 25). Em seus sonhos, mesmo adulta, ela revive a presença de seu algoz e de Clarice, sua amiga, que, como ela, fará parte de uma tragédia cinzenta apresentada diante do leitor.

Dessa forma, observamos que a contemporaneidade traz um herói problemático, que mesmo narrando não tem nada para ensinar, antes vive a construção e a desconstrução de sua personalidade através de fragmentos.

Tenho tido namoradas... Por duas vezes experimentei uma vida em comum com uma namorada. A primeira vez foi quando decidi passar uma longa temporada na Sicília esmiuçando aquela ilha. (BOJUNGA, 2012, p. 199).

[A segunda] foi uma variação sobre o mesmo tema. Dessa vez eu estava no México: outro país em que me demorei





muito, estudando e fotografando as diversas regiões.
(BOJUNGA, 2012, p. 199-206).

As aventuras amorosas e as viagens da personagem, que se apresenta como um escritor, contam da sua incessante busca. Pollux é esse herói, perdido em seus medos, inconstante em seu fazer, mesmo adulto, o ato de contar não significa troca de experiências, não há mais lugar para quem sabe dar conselhos. Ele faz “o traçado de uma viagem ou de uma “travessia”, metáfora maior da aprendizagem humana”. (RESENDE, 1988, p. 242. Grifo da autora). A viagem que a personagem realiza o distancia do país por vinte anos para metaforizar as suas buscas e aspirações, ainda que muitas incompreendidas por ele mesmo. No entanto, a travessia não foi em vão.

Diante do que expusemos, fica claro que quando Pollux narra, ele não quer ensinar, embora seja em primeira pessoa, é como um reviver que em certa medida o extrai do fato narrado, além de determinar o campo de visão e dar o tom da narrativa. Dessa forma, é oferecido ao leitor “uma visão direta do assunto enquanto esse ocorre”. (LUBBOCK, 1976, p. 156). A autora, ao usar esse tipo de narração, parece querer comunicar acrescentando clareza à sua história. Lygia Bojunga, entre outros autores, segundo Gregorin Filho, coloca “no papel a voz do jovem e o universo cotidiano [...] para serem lidos, vistos, sentidos e vivenciados, com uma proposta de diálogo, e não de imposição de valores, por intermédio de uma literatura que busca na arte, sua característica primeira”. (2011, p. 39). As instâncias narradoras ganham movimento e provocam sensações diversas para contar através da forma, também, o enredo que se desloca e reivindica a participação do leitor.





Lygia Bojunga transita, através de suas narrativas, entre o real e o fantástico dando ênfase ao narrador de **Querida**, quando Pollux vê em Roberto uma ameaça à sua vida. “- Você não vai nem querer acreditar, mas ele já tentou me matar três vezes”. (BOJUNGA, 2012, p. 56). Assim era visto o padrasto, o ciúme o deixava inconformado em dividir o amor da mãe com aquele homem, ainda mais porque estavam às vésperas de se mudarem para a Austrália, o cargo de Diplomata exigia mudanças constantes. O Ciúme que também encenou o conto “A troca e a tarefa”⁵ é arrebatador, como podemos observar na verbalização de Pollux: “E aí, com o cara sumido na Austrália, pra quem vai ficar tudo que é beijo e abraço que ela tá sempre dando pra ele?”. (BOJUNGA, 2012, p. 107). O Ciúme personificado por Ella, caracterizado pela máscara, é devastador na vida do garoto, da mesma forma que foi para Pacífico, pois ambos designaram a mãe para ser sua “querida”.

Nos chama a atenção em Bojunga, e principalmente em **Querida**, por uma narração predominantemente em primeira pessoa e em discurso direto, a linguagem que explora a oralidade e a forma coloquial para evidenciar o Pollux criança e o Pollux adulto. No primeiro encontro, a fala inicial assim se apresenta: “Só quando eu disse príuma mulher que você era um Pacífico que gostava de flor é que ela disse “aaaaah! deve ser o tal homem das orquídeas”... e me ensinou como é que eu chegava até aqui”. (BOJUNGA, 2012, p. 59). No entanto, o adulto, agora escritor, narra nos seguintes termos

⁵ Esse conto traz a protagonista com nove anos visitada pelo Ciúme que a persegue por toda sua vida fazendo com que ela aceite a “tarefa” de ser escritora e encerrar suas angústias dentro de livros que também marcam seu fim: ao escrever o vigésimo sétimo livro sua vida se acaba com “a ponta do lápis fincada na paixão”. (BOJUNGA, Tchou, 2002).





ao tio: “Pois é. Graças ao Roberto [...] descobri, criança, o fascínio das viagens [...] minha escrita tem girado em torno de viagens”. (BOJUNGA, 2012, p. 195). Em todas as obras da autora, a riqueza narrativa se faz através dessa linguagem que é viva, pulsante e que fala a todo homem sem se ligar a idade. Questionada sobre a linguagem que utiliza, a escritora revela que esse foi o jeito escolhido para “vestir” sua literatura⁶.

A habilidade da escritora para mover a entidade narrativa dentro do texto assemelha-se ao entrelaçar dos bilros de uma rendeira que na destreza de seu movimento vai tonando real o desenho a que se propôs. A rendeira das palavras envolve as personagens e as desloca tecendo a arte. “Lygia vai construindo um caleidoscópio onde tudo vai girando e desenhando formas de muitas cores: um naco de solidão... [...] ciúme, interrogações, tlac! árvores, vírgulas... túneis, abraços... barcos, lágrimas, reticências...” (LACOMBE, 1997, p. 21). A manipulação do caleidoscópio tende sempre a nos surpreender pela seriedade da temática e a multiplicidade de experiências conquistadas com a representação teatral presente na voz que narra. É neste sentido que temos enfatizado o narrador de **Querida** que é multiplicado pelo número de personagens que alternam a narração.

Lygia Bojunga busca em seu fazer artístico oferecer ao leitor uma obra desprovida de sacralidade, desmitificando

⁶ Entrevista concedida à Laura Sandroni que compõe a obra **De Lobato a Bojunga: renações renovadas** (2011, p. 178). Bojunga reitera: “Cada vez que eu percebo (e quantas vezes eu não percebo!) a minha escrita contando uma coisa diferente do que eu contaria se aquilo fosse um bate-papo aqui em casa, eu volto atrás, eu faço de novo, eu experimento outra vez”.





os dramas da criação. Herdeira de uma tradição moderna de escritores que fizeram da realização estética um lugar de questionamento, de investimento nas potencialidades de experimentação formal [...], Lygia Bojunga também soube fazer da recusa ao fácil e ao banal o verdadeiro caminho de construção da arte. (AIRES, 2010, p. 128).

No momento em que procuramos dar um fechamento às ideias discutidas nesse artigo, soa com muita pertinência as considerações de Aires sobre a produção bojunguiana que dialoga e ao mesmo tempo rompe com a tradição para experimentar e desacomodar com suas temáticas. Investe num narrador que é sim articulado pelo autor ao trabalhar a palavra, mas que vai além, se confunde com ele (no caso de Bojunga com obras que carregam marcas autobiográficas) e, ainda, compartilha o ato de contar com as personagens. A entidade fictícia que faz o homem existir ao contar sua história desmistifica temas como morte, sexualidade, abandono, prostituição, entre tantos outros. O universo é colocado ao alcance da palavra. Toda diversidade na voz narrativa vem falar desse homem múltiplo em busca de si mesmo juntando fragmentos de sua história para se encontrar.

Referências

- AIRES, Eliana Gabriel. **A criação literária em Lygia Bojunga: leitura e escrita**. Goiânia: Editora UFG, 2010.
- ADORNO, Theodor W. “Posição do narrador no romance contemporâneo”. In: **Notas de literatura I**. Tradução de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas cidades, 2003.





BENJAMIN, Walter. “O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Lescov”. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOJUNGA, Lygia. **Querida**. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2012.

_____. **O abraço**. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2014.

_____. **Fazendo Ana Paz**. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2007.

_____. **Tchau**. Rio de Janeiro: Agir, 2002.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura Juvenil: adolescência, cultura e formação de leitores**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2011.

LACOMBE, Amélia. **Lygia Bojunga**. Rio de Janeiro: Agir, 1997.

LUBBOCK, Percy. **A técnica da ficção**. Tradução: Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1976.

PAPES, Cleide da Costa e Silva. **A vivência e a invenção na palavra literária**. São Paulo: editora Humanitas, 2008.

PERROTTI, Edmir. **Confinamento cultural, infância e leitura**. São Paulo: Summus, 1990.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.

RESENDE, Vânia Maria. **O menino na literatura brasileira**. São Paulo: Editora Perspectiva. 1988.

SANDRONI, Laura. **De Lobato a Bojunga: as reações renovadas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.





SANTIAGO, Silviano. “O narrador pós-moderno”. In: **Nas malhas da letra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

NOTA DOS EDITORES: O conteúdo deste texto é exclusivamente de responsabilidade de seus respectivos autores.

